



A POLÍTICA PÚBLICA DE IGUALDADE DE GÊNERO NAS FORÇAS ARMADAS: AS PRIMEIRAS ASPIRANTES NAVAL

HERCULES GUIMARÃES HONORATO

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender a construção da identidade social da jovem mulher militar oriunda da formação Escola Naval, que recebeu, em 2014, as primeiras doze mulheres Aspirantes. Este estudo é de cunho qualitativo, exploratório, cujo instrumento de coleta de dados foi um questionário aplicado às alunas. A mudança estrutural nas relações de gênero evoluiu consideravelmente nos últimos anos, e como somos frutos de uma construção social histórica, uma vez abertas as oportunidades, as mulheres estão demonstrando seu valor e sua capacidade de decisão e liderança. No momento inicial de um pequeno grupo de pioneiras, que representavam 1,5% do total de discentes, verificou-se que elas começaram a representar representações sociais militares, o seu estilo de vida e os seus valores e estão conscientizadas sobre a profissão escolhida.

Palavras-chave: Escola Naval. Forças Armadas Brasileiras. Igualdade de gênero.

ABSTRACT

This article purpose is to understand the construction of the social identity of young military woman from superior training Brazilian Naval Academy, that received, in 2014, the first twelve women naval cadets. This study is of qualitative exploratory bibliographic whose data collection instrument was a questionnaire applied to students. The structural changes in relations has evolved considerably in recent years, and as we are the result of a historic social construction, once the opportunities open, women are demonstrating their value and their ability to make decision and to be leaders. In the first time that a pioneer women, representing 1.5% of all students, it was found that they began to know the military social representation and values and they were made aware of the chosen career at the military.

Keywords: Brazilian Naval Academy. Brazilian Armed Forces. Gender equality.

INTRODUÇÃO

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano (BEAUVOIR, 1967, p.7).

A epígrafe acima foi retirada do primeiro parágrafo de livro "Segundo Sexo" escrito por Simone de Beauvoir entre os anos 1948, com sua publicação inicial em 1949. A autora vivia numa época de término da Segunda Guerra Mundial, e que a recuperação do seu país, dominado e dividido que foi pelas potências em conflito. Poderíamos trazer e contextualizar a realidade atuais, pois a luta pelo reconhecimento da mulher como força produtiva emancipada e participante ativa da contemporânea ainda é intensa e recente, com ganhos reconhecidos e retrocessos sentidos. A mulher é um ser a procura de ser apenas o *Outro*, procurando ser realmente o *Sujeito*, ativo e igual em todos os aspectos e atividades de no

sociedade.

A sociedade humana depois que houve a mutação dos hominídeos para os seres humanos, passados cerca de 250 mil caça e coleta, em que homens e mulheres dividiam o poder, eram um coletivo de iguais. Do ponto de vista do gênero, uma igualdade, um poder partilhado, e que Saffioti (2000, p.20) assevera:

Já está provado através dos estudos históricos que, na sociedade de caça e coleta, a mulher provê no mínimo as necessidades da comunidade; a comida, por exemplo, em mais de 60% é oferecida pelas atividades de coleta desenvolvidas pelas mulheres. Os homens caçam, mas a caça não é uma atividade cotidiana, é uma atividade que ocorre uma ou duas vezes por semana; ele provê cerca de 30 a 40% das necessidades da comunidade. Por aí já se vê que a situação da mulher não é a mesma em todas as sociedades e que a dominação masculina é um caso específico, um caso histórico dentro de um esquema de poder mais igualitário.

O que se acredita, portanto, é que tanto os homens quanto as mulheres podem executar diferentes tipos de trabalhos e, assim como também podem desempenhar funções idênticas e serem desiguais. O que Farr e Chitiga (1991 apud MACÊDC 2004, p.83) argumentam que "o problema não se refere tanto sobre quem faz o quê, mas quem define os papéis do outro, homens quanto mulheres, têm escolha". Com o passar dos séculos há o aumento da participação das mulheres em profissões tradicionalmente masculinas, como pano de fundo para uma efetiva igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.

Em 2014, a EN recebeu as primeiras doze Aspirantes[1], já incorporadas ao Corpo de Intendentes da Marinha (CIM). Portanto, é de cunho qualitativo, bibliográfico exploratório e com dados de pesquisa longitudinais, visto que acompanha doze novas Aspirantes durante sua formação acadêmica, onde sairão Guardas-Marinha em 2017. A ideia precípua é compreender a formação da construção da identidade social da jovem mulher militar oriunda da graduação sua aquatamento. O período inicial de coleta de dados foi o da adaptação a vida militar, que ocorreu no mês de janeiro. O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas abertas e fechadas às adaptandas[2].

Assim exposto e para o atingimento do objetivo colimado, este artigo está dividido em quatro seções principais, além da introdução e das considerações finais. Começamos por uma breve história sobre a mulher nas Forças Armadas e em especial na Marinha com a chegada das candidatas à Aspirantes na EN. A segunda parte trata dos valores que são ensinados, sendo que o caráter e o espírito de corpo foram os destacados. A terceira seção apresenta o que significa o período de adaptação à vida militar. A quarta seção é uma análise do instrumento de coleta e a caracterização dos sujeitos da pesquisa. Espera-se que este trabalho seja relevante para a construção de pontes sólidas no trato das futuras jovens que farão a opção de serem oficiais da Marinha durante o internato durante a sua graduação.

BREVE HISTÓRIA DA MULHER NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS

A seguir são descritos em breves pontos a caminhada das mulheres nas Forças Armadas brasileiras. Porém, um fato acontecido em dezembro de 2011, merece destaque especial: a assinatura de uma carta de intenções, entre o Ministério da Defesa e a ONU Mulheres (Agência da Organização das Nações Unidas para as mulheres), que teve como objetivo ampliar a participação feminina em operações de paz. Esse documento formal, segundo a secretária-geral adjunta das Nações Unidas e diretora da agência, Michelle Bachelet, "é uma prova da vontade do Ministério da Defesa em ampliar a participação feminina"[3].

Na Marinha do Brasil

Em 24 de outubro de 1979, o então Senador da República por São Paulo Orestes Quércia submeteu um Projeto de Lei (PLS) de nº 323 que tratava do ingresso voluntário de mulheres nas academias militares de nível superior. O projeto, em 1979, ainda reservava um percentual de vagas para candidatas do sexo feminino (BRASIL, 1979). Em 28 de novembro de 1980, a Comissão de Constituição e Justiça do Senado, por intermédio do seu parecer nº 20, rejeitou o referido PLS, argumentando que o mesmo era inconstitucional, pois colidia com o art. 81, item V, da Constituição Federal em vigor, "que diz competir privativamente ao Presidente da República dispor sobre a estruturação, atribuições e funcionamento dos órgãos da administração pública" (BRASIL, 1980, p.1).

Na década de 1980 em questão, a Marinha crescia com a aquisição no exterior e construção no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ) de modernas fragatas da Classe "Niterói" entre outros meios operativos, além de mobiliário, com mão-de-obra técnica e universitária, o Centro Médico Naval do Rio de Janeiro, um complexo hospitalar recém inaugurado que incluía o Hospital Naval Marcílio Dias.

Aproveitando-se da ideia das mulheres nas Forças Armadas e da necessidade de liberar o militar operativo para as atividades relacionadas diretamente com a preparação e o emprego do Poder Naval" (MENDES, 2010, p.1), em 7 de julho de 1980, foi promulgada a Lei nº 6.807, foi criado pelo então Ministro da Marinha, o Almirante-de-Esquadra Maximiano Eduardo Fonseca, o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva (CAFRM), composto por um quadro de Oficiais e outro de Praças (PERES, 2012).

Depois de mais de 30 anos da entrada das primeiras mulheres nas fileiras da Marinha do Brasil (MB), em 2014, pela primeira vez passaram a pisar o solo histórico da Ilha de Villegagnon, sede desde 1938 da Escola Naval (EN), doze Aspirantes no 5º Curso de Graduação, futuras bacharéis em "Ciências Navais". Essas pioneiras na formação militar superior na MB, representavam 1,5% do total de discentes da Instituição.

Na Força Aérea Brasileira

A Força Aérea Brasileira (FAB) admitiu o ingresso de mulheres em 1982, inicialmente em atividades administrativas e de saúde, similar ao realizado pela MB. Em 1996, utilizando o mandamento constitucional de que "homens e mulheres são iguais em direitos, obrigações e oportunidades" (TAKAHASHI, 2002, p.135), o então Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Mauro Galvão, criou na Academia da Força Aérea (AFA) as primeiras mulheres em curso de formação superior, no quadro de Intendentes, com a possibilidade de atingir o generalato" (TAKAHASHI, 2002, p.135).

A partir de 2002, a possibilidade profissional das mulheres na AFA foi ampliada, com a opção, durante o concurso de admissão, de ingressar no Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOv), "destina-se a aumentar a participação feminina no curso, compensando o fato de que não há vagas para mulheres na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), de onde parte dos Cadetes Aviadores da AFA" (SANTOS, 2006, p.38).

No Exército Brasileiro

No Exército Brasileiro (EB) foi criado um Quadro Complementar de Oficiais em 1990. "Diferentemente da Marinha e da Aeronáutica, as mulheres ficaram reunidas num quadro à parte, no Exército foi criado o Quadro de Oficiais Auxiliares, composta por mulheres, para o exercício de funções técnicas" (ANDRADA; PERES, 2012, p.36). A Lei nº 12.705, de 08 de agosto de 2012, dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército, em seu art. 7º, onde se estabelece "o ingresso na linha militar bélica de ensino permitido a candidatas do sexo feminino deverá ser viabilizado em até 5 (cinco) anos a contar da data de publicação desta Lei" (BRASIL, 2012, não paginado). Deste modo, a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx) está ultimando obras em suas instalações para o recebimento, a partir de 2017, das primeiras mulheres no curso regular da carreira militar da Força [4], nos quadros de Material Bélico e Intendência.

OS VALORES MILITARES

A caserna tem por característica ser um território dos homens, principalmente por envolver atividades de risco, força e disciplina. Carreiras (2004, p.91) argumenta que apesar dessa tentativa atual de "equalização estatutária entre militares dos sexos, persistem ainda diversas restrições ocupacionais e as mulheres continuam maioritariamente excluídas das atividades relacionadas com o combate". Porém, uma vez que as oportunidades foram abertas, "as mulheres estão demonstrando capacidade de decisão, autonomia e comando [...] os desafios agora são o pleno acesso das mulheres às atividades de mais altas funções de comando e de decisão" (ANDRADA; PERES, 2012, p.14-15).

É importante realçar que a base do trabalho, em qualquer organização, inclusive a militar, são os seus valores, que norteiam os objetivos pessoais e, conseqüentemente, devem estar em consonância com os princípios e valores organizacionais, de base para melhorar a eficiência do trabalho, pois deverá haver o alinhamento dos objetivos dos trabalhadores aos valores organizacionais, orientando ambos a uma direção com o mesmo fim (RIBAS; RODRIGUES, 2009). Os valores organizacionais dizem respeito ao comportamento desejado do indivíduo em relação ao seu ambiente de trabalho, como motivador de seu relacionamento com as tradições de sua instituição, comunicados e transmitidos entre seus membros, sem deixar de possuir certa correspondência com os valores pessoais.

Castro (2004, p.15) argumenta, em seu estudo antropológico na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), que "o processo de socialização profissional durante o qual deve aprender os valores, atitudes e comportamentos apropriados à carreira militar [...] é na interação com outros cadetes e com os Oficiais que ele aprende como é ser militar". Esse autor, citando Castro (1995 apud CASTRO, 2004, p.35), afirma ainda que as "academias militares constituem-se no exemplo extremo de instituição assimiladora"; ela isola os cadetes do mundo de fora, ajuda-os a se identificar com um novo papel, e, nesse isolamento, os novos discentes militares começam a conhecer os valores e virtudes dos militares. Os valores especiais são apresentados a hierarquia e a disciplina, binômio estrutural da vida no quartel.

Schirmer (2007) apresenta-nos trinta virtudes da carreira das armas, e para representar esse período de assimilação dos jovens e das jovens, podemos pinçar inicialmente a "camaradagem" e o "espírito militar". O espírito militar, segundo Schirmer, pode ser resumido como a exaltação ao sentimento do dever que emana em prol da sociedade, o respeito à disciplina, a lealdade e a coragem física e moral, "é a fonte onde o soldado busca o bálsamo a ser derramado nas chagas a inevitáveis adversidades da vida castrense" (SCHIRMER, 2007, p.31).

Segundo o dicionário *online* Priberam da Língua Portuguesa [5], camaradagem significa convivência entre companheiros com solidariedade ou amizade entre colegas. Schirmer (2007, p.96) afirma que ela estabelece "o sadio relacionamento entre os componentes de uma Força Armada, cria a união e a confiança, fortalece as tradições, solidificando os ideais. Estrutura-se na ajuda e na solidariedade recíproca, na confiança [...] na lealdade".

O livro "Nossa Voga", que todos os novos Aspirantes recebem para começarem no trato das lides marinheiras, corr camaradagem é "uma das mais belas virtudes que nós militares, indiscutivelmente possuímos é o coleguismo [...]. Nunca que as amizades iniciadas na Escola Naval são as mais sólidas e duradouras" (ESCOLA NAVAL, 1957, p.30-32 atual deste livro (ESCOLA NAVAL, 2009, p.61), esse conceito retrata que "a vida acadêmica traz consigo o conceito conjunto dos Aspirantes que ingressam em um mesmo ano na Escola Naval, e em um mesmo ano - que identifica a declarados Guardas-Marinha"

O Contra-Almirante Adalberto de Leme Basto, em 1941, proferiu as seguintes palavras dirigidas aos alunos do então curso "começais hoje vida nova. Trocais a liberdade de estudante ginásial e a vida de casa pelo regime exatamente este internato [...] a par de suas obrigações nela tereis recreio e passatempo agradável" (ESCOLA NAVAL, 1957, p.38).

E assim, entraram em janeiro de 2014, pela ponte principal da Ilha de Villegagnon, para o período de adaptação, vestindo jeans, camiseta e tênis branco, 236 jovens brasileiros, homens e mulheres, em busca do sonho de serem os novos "Se Mares"[7] do glorioso Brasil.

O ESTÁGIO DE ADAPTAÇÃO A VIDA MILITAR

O período de adaptação é uma fase de transição brusca e intensa, como afirma Castro (2004, p.19), "uma &39;peneira&39; levar à desistência as pessoas que não possuem vocação ou força de vontade suficiente para o ingresso na carreira e o período que os novatos não tem tempo nem para pensar, com todos os momentos ocupados por algumas atividades, de militares e até burocráticas. Segundo esse autor, a preocupação dos oficiais é "&39;homogeneizar&39; os cadetes rapidamente possível em relação ao nível de formação militar [...] dão à intensidade do processo de socialização profissional combinado ao fato de que esse processo ocorre em relativo isolamento ou autonomia" (CASTRO, 2004, p. 24 e 34).

Todo o Oficial da Marinha oriundo da EN com certeza se lembra do Estágio de Adaptação que realizou em Villegagnon momentos iniciais com a cultura militar e o rigor da apresentação dos valores como hierarquia e disciplina, seja pelos momentos que um simples "virar à direita" não saía ao mesmo tempo, porque um novo companheiro o fez de maneira errada, e as integrantes do pelotão "pagavam" com exercícios físicos e um mundo de verbos e predicados em tons mais elevados e pelos adaptadores como forma de criar a união do grupo, depois o espírito de turma e mais tarde o de corpo, um doutrinados pelo percurso da carreira de todos os militares.

A sequência inicial de antiguidade é composta primeiro pelos alunos oriundos do Colégio Naval carregando a sua classificação final do terceiro ano da instituição, são incorporados os discentes repetentes; depois vem os alunos do concurso público masculino; a seguir os estrangeiros matriculados que passaram pelo estágio de qualificação realizado no ano anterior; e as doze adaptandas. O Estágio de Adaptação é regulado internamente pela Norma do Comando do Corpo de Aspirantes (ESCOLA NAVAL, 2014, p.1-1) e visa a "definir responsabilidades e estabelecer normas para o planejamento, execução e atividades referentes ao Estágio de Adaptação de candidatos a Aspirantes".

Esse Estágio é bem regulado pela norma citada, inclusive com um quadro de trabalho semanal, planos das diversas atividades e procedimentos para o recebimento de uniformes, livros, censo odontológico. No caso dos adaptandos oriundos de concursos uma rotina especial é preparada por ocasião da realização do exame psicotécnico. Em suma, completam com muita rapidez por diversas atividades esportivas.

Entre os meios utilizados para a união entre os calouros foi a criação de pelotões com nomes temáticos e com bandeiras visuais. Temos as bandeiras dos pelotões assim denominadas: "A" - Esparta, "B" - Anfíbio, "C" - Insano, "D" - Inferno, "E" - Fúria e "F" - Fúria. Os hinos, brados e as cantorias motivacionais são importantes nesse período, e um chamou muito a atenção pelo viés machista e brincalhão que trás em sua letra, visto que agora temos as jovens mulheres. A letra, bastante interessante seguinte (grifo nosso): *Não venha me dizer que você vai cansar; que a perna está bamba e pode desmaiar; que o braço de tanta flexão [...] aqui é assim mesmo, quem não aguenta sai. Pega suas coisas e volta para o papai; iarara, eu não aguento, então pede para sair; iarara, eu não tô nem aí. Eu não terei pena de ti.*

A conclusão que podemos tirar e sem caminhar para o lado da discussão de gênero, é que papai rima com sai, e as adaptandas é realizada, os erros iniciais são cometidos, os exercícios físicos são determinados, alguns poucos desistem e entre os jovens vão se adaptando a vida na instituição, da instrução e do adestramento. Como informação complementar, dos que iniciaram o período de adaptação, apenas 8 (oito) desistiram e não continuaram, todas as doze jovens novatas na EN continuaram.

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS E ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE COLETAS DE DADOS

Esta pesquisa foi iniciada em janeiro de 2014 durante o Estágio de Adaptação. Foi utilizado um questionário, com perguntas e fechadas, para as doze Aspirantes. Porém, como temos que cumprir um número máximo de páginas para submissão resolvemos optar por trabalhar somente com algumas questões. O questionário em questão foi composto de duas partes: a primeira trata da origem social e de sua escolarização; e a segunda sobre as expectativas quanto à profissão escolhida. A identidade dos respondentes foi preservada e as respostas, quando mencionadas, serão discriminadas pelo código alfanumérico "Asp.12", escolhidos aleatoriamente, independente de classificação de entrada dentro da escola.

A primeira parte, que trata da vida acadêmica e familiar da Aspirante, podemos iluminar que em sua maioria são do esta Janeiro, e oito realizaram o ensino médio em instituição pública, sendo que cinco foram oriundas de algum Colégio I respondente têm os pais com a origem militar. Na pergunta que tratava de avaliar a opinião dos familiares a respeito de uma profissão militar, a resposta foi unânime, o apoio total da família, e como afirmam em suas respostas: "*se orgulha ingressado na Marinha e me apoiam nessa escolha*" (Asp.4); ou "*eles se dizem muito orgulhosos da minha brilhante esc* ou ainda "*me apoiam totalmente e valorizam muito minha escolha*" (Asp.8).

Uma pergunta procurou ser o termômetro do que as futuras Aspirantes pensavam quando estavam vivenciando c Adaptação. A questão foi direta ao tema de desistir e pedir para sair, mas a resposta "não" foi repetidamente escrita Asp.4 asseverou que "*estava focada no meu objetivo*", o que foi ratificado pela Asp.5, "*Não, nenhuma vez, inclusive, se meninas choravam na adaptação eu dava muita força e apoio*". Pode-se verificar que o espírito de corpo e o compa estavam sendo cultivados entre o pequeno grupo de adaptandas.

Uma pergunta avaliou a relação delas com o universo masculino na EN. Umas falaram que estava tranquilo, outras de m ou mesmo normal, "*os Aspirantes (meus companheiros de turma) me aceitaram bem na turma, sobre os Oficiais, às v que cobram de mim por eu ser mulher*" (Asp.3). A Asp.11 confirma que é uma ótima relação, "*com muito respeito e comp*. O que é ratificado pela Asp.12: "*muito boa, eles nos receberam sem nenhuma discriminação e ficamos gratas po* resposta interessante foi a da Asp.5, "*a cada dia um aprendizado e um crescimento pessoal e já até me chamam de ton todos me &39;adotaram&39; e me ajudam bastante com as fainas*". As brincadeiras no grupo, desde que sadias, fazer relação de amizade floresça, pois sempre que um apelido amigo e aceito é colocado em um colega, todos passam a re pessoa o carinho e a descontração existente intragrupo.

Em relação às perguntas sobre as expectativas quanto a profissão escolhida, uma procurou entender o que as jov tenentes intendentess, esperam no trato com o ambiente masculino das unidades militares para as quais forem designad formadas. Todas as respostas mostraram que elas são maduras e responsáveis, e acreditam que vão lidar tanto com Praças da mesma maneira como estão aprendendo na EN: "*com respeito e cordialidade*" (Asp.4); "*mantendo a mostrando aos militares que nós também podemos ser excelentes Oficiais*" (Asp.1); e "*com muita postura e profiss ambiente de trabalho; ética e respeito de um para com outro*" (Asp.5).

Uma questão procurou avaliar, nesse início em Villegagnon e no período de adaptação, qual seria o seu maior desafio responderam já pensando no período do ciclo escolar, como a Asp.3, que está preocupada na parte da educação física no nível de dificuldade acadêmico, ou ainda a Asp.9 em "*organizar sempre o meu tempo para conseguir fazer tudo o qu* ou a sinceridade da Asp.7 em "*superar minha timidez*", ou até mesmo a Asp.2 que não sabe qual será o seu maior d interessantes respostas foram dadas pelas Asp.8, "*conciliar minha família com minha vida profissional*", e pela Asp "*distância da família quando embarcar por muito tempo em viagens longas*".

Tendo este artigo o foco no Estágio de Adaptação, uma pergunta procurou colher sugestões para a sua melhoria. A A "*visitações a ambientes onde trabalham os Oficiais da Intendência, do Corpo da Armada e de Fuzileiros Navais*", o que r nesse período em questão, mas sim durante o ano acadêmico nas chamadas Práticas Profissionais Navais (PP argumentou da necessidade de "*mais instrução sobre o uso do uniforme*". Quatro respondentes foram enfáticas e necessidade de mais tempo para "*higiene pessoal*" e "*poder lavar as mãos antes das refeições*".

A última questão que será exposta trata sobre a escolha pela MB, e se elas tinham alguma noção a cerca da profissão e seja, de ser uma Oficial do CIM. Três responderam simplesmente que "não" e quatro "*um pouco*", inclusive uma de pesquisa sobre a formação das mulheres intendentess na AFA. Seis responderam que "*sim*". A Asp.5 explicou que pelc "*passado para as duas Marinhas (Mercante e de Guerra), pesquisei muito sobre ambas e inclusive conversei com os , formados*".

O período da realização da coleta das respostas foi ao final do estágio, o que demonstra que algumas respostas revestidas de relações positivas no trato do grupo entre os seus integrantes. Mesmo assim, é sabido que a pouca ex meio militar, principalmente dos adaptandos oriundos do concurso público ou mesmo daqueles que não fizeram o seu e em um dos Colégios Militares, sempre será mais sentida em qualquer jovem, seja homem ou mulher. O que pode ser pelas palavras da Asp.3 sobre o estágio: "*eu me sairia melhor se soubesse mais ou menos como seria. Não estava ne preparada quando cheguei aqui*".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe um aumento da participação das mulheres em diversas ocupações profissionais, até pouco tempo notadamente Temos uma Presidente da República eleita em 2010, uma Almirante promovida em novembro de 2012, temos mulheres na construção civil, como motoristas de ônibus e até em aviões de combate. A mudança estrutural nas relações e evoluiu consideravelmente nos últimos anos, e como somos frutos de uma construção social histórica, uma vez oportunidades, as mulheres estão demonstrando seu valor e sua capacidade de decisão e liderança.

O Aspirante recém-admitido na Escola Naval é tradicionalmente chamado de calouro. Existe uma frase ouvida desde

momentos da adaptação, ainda sem uniforme de militar, "*quanto mais ouro mais calouro, quanto mais prata mais pirata* sob vários aspectos que é exercida nesse período em questão, com exercícios físicos, treinamentos militares e muito sobre a carreira e a cultura naval, faz parte de melhor prepará-los para o dia a dia repleto de atividades, tanto acadêmicas militares do ciclo escolar e da vida naval. É um período que não dá para parar e pensar, o tempo todo é ocupado. Ao fim de criar uma unidade coletiva e social em mais de 230 jovens de diferentes origens, mas que no conjunto e a partir do início por Villegagnon, não sentiram a questão de gênero, pois são antes de tudo militares e com um único objetivo: receber o diploma final de 2017, sendo declaradas Guardas-Marinha, e no futuro, "*alcançar a patente mais alta e ser muito respeitada por fazer parte da primeira turma de mulheres da Escola Naval*" (Asp.9).

Portanto, no momento de formação de um pequeno grupo de pioneiras, as Aspirantes começaram a conhecer as regras sociais militares, estão descobrindo sua vocação, apreendem o estilo de vida da tropa e os valores militares. Além disso, conscientes sobre os comportamentos desejáveis que deverão seguir na profissão castrense, de dedicação à Força, à Pátria e esquecerem de que são mulheres e cidadãs, integrantes ativas de uma sociedade que busca, em suas cores e ações, criar um país forte e gigante pela própria natureza.

Este autor foi convidado a fazer uma palestra, em setembro de 2014, sobre o Corpo de Intendentes da Marinha para as Aspirantes na Disciplina de Cultura Organizacional Militar. Aproveitamos a oportunidade e construímos uma dinâmica em sala de aula. Elas teriam que responder a apenas uma pergunta. Do início da adaptação até agora, que mudanças internas e externas elas perceberam e como militares elas puderam perceber? As respostas foram interessantes e que abaixo estão transcritas por mim em uma costura textual, todas as respostas estão presentes, dos pontos importantes e que foram, em certa medida, discutidos no artigo.

"Ingressei na Marinha do Brasil, sem experiência nenhuma do que era militarismo e muito menos do que era ser militar durante o período difícil da adaptação, onde aprendi a resolver os problemas tanto meus quanto das pessoas que estão ao meu lado. Era muito imatura e tímida, passei a ser uma pessoa mais organizada, mais responsável, mais segura, aprendi a cumprir questionamentos, também a camaradagem todos os dias de nossa formação e a desenvolver novas aptidões. Outro ponto importante, o qual eu não tinha desenvolvido até então, hoje pratico esporte e gostaria de estar sempre praticando. Sobre as dificuldades, muitas mesmo, mas encontrar a cada dia um motivo profissional para ficar é satisfatório demais, pois estou melhorando. Já pensei em desistir uma vez, que a rotina é exaustiva, mas, de alguma forma, eu sinto que aqui é meu lugar. Aprendendo a ser feliz aqui e, pelo que eu vi até agora do CIM, eu acho que fiz a escolha certa em vir para a Escola Intendente. Eu tinha apenas duas irmãs, eu ganhei mais 11 irmãs e 261 irmãos e companheiros de turma".

REFERÊNCIAS

- ANDRADA, S. A. de; PERES, H. M. **Mulheres a Bordo**: 30 anos da mulher militar na Marinha do Brasil. Rio de Janeiro: Associação de Mulheres Militares, 2012.
- BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de S. Millet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Brasil, 1960. Disponível em: . Acesso em 01 abr. 2015.
- BRASIL. **Lei n. 12.705, de 08 de agosto de 2012**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: . Acesso em: 21 maio 2014.
- _____. **Projeto-de-Lei do Senado no 323, de 24 de outubro de 1979**. Serviço de Atendimento ao Usuário da SIA. Arquivo do Senado Federal (SARQ). Brasília, DF, 1979.
- _____. **Parecer no 20, de 1980, de 26 de maio de 1980**. Serviço de Atendimento ao Usuário da Secretaria de Arquivos do Senado Federal (SARQ). Brasília, DF, 1980.
- CARREIRAS, H. Mulheres em contextos atípicos: Lógicas de exclusão e estratégias de integração feminina nas Forças Armadas. **Etnográfica**, Lisboa, Portugal, v. VIII, n.1, p.91-115, 2004.
- CASTRO, C. **O Espírito Militar**: um antropólogo na caserna. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- ESCOLA NAVAL. **Nossa Voga**. Publicação destinada aos novos Aspirantes da Escola Naval. Rio de Janeiro, 1957.
- ESCOLA NAVAL. **Nossa Voga**. Publicação destinada aos novos Aspirantes da Escola Naval. Rio de Janeiro, 2009.
- ESCOLA NAVAL. **Normas do Comando do Corpo de Aspirantes**. En-30. Cap.1. Rev.5, Rio de Janeiro, 2014.
- MACÊDO, G. S.; MACEDO, K. B. As relações de gênero no contexto organizacional: o discurso de homens e mulheres. **Psicologia**, São Paulo, v.4, n.1, jan./jun. p.81-90, 2004. Disponível em: . Acesso em: 01 abr. 2015.
- MENDES, L. C. K. B. **Subsídios sobre a presença da mulher na MB**. Brasília, DF: Centro de Comunicação Social da Marinha, 2010.
- RIBAS, F. T. T.; RODRIGUES, C. M. C. Valores organizacionais declarados e implantados: uma percepção entre o real e o ideal. **Revista Iberoamericana de Engenharia Industrial**, Florianópolis, v.1, n.2, p.43-60, dez. 2009.

SAFFIOTI, H. O segundo sexo à luz das teorias feministas contemporâneas. In: MOTTA, A. B.; SARDENBERG, C.; (Orgs.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000, parte I, p.15-39. (Coleção E SANTOS, A. C. A. dos. O empenho de Aviadoras na Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira. **Revista UNIFA**, Rio de J. n.21, p.35-47, 2006.

SCHIRMER, P. **Das Virtudes Militares**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2007.

TAKAHASHI, E. E. **Homens e Mulheres em campo**: um estudo sobre a formação da identidade militar. 2002. 276f. Tese em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

[1] Aspirantes - denominação oficial, no ambiente da Marinha do Brasil, para os alunos da Escola Naval brasileira.

[2] Adaptandos (as) - termo que designa o futuro Aspirante durante o período compreendido entre sua apresentação e matrícula no ciclo escolar (ESCOLA NAVAL, 2014, p. 1.1).

[3] Disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2013/03/mulheres-ja-representam-6-34-do-efetivo-total-nas-forcas-armadas>

Acesso em: 09 jun. 2015.

[4]

Disponível

<http://correio.rac.com.br/_conteudo/2014/03/ig_paulista/164113-espcecx-prepara-as-primeiras-mulheres-combatentes-do

Acesso em: 26 set. 2014.

[5] Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/camaradagem>>. Acesso em: 28 set. 2014.

[6] Curso Prévio - curso preparatório de um ano realizado na própria EN, antes da instalação do Colégio Naval em Angra

[7] Sentinelas dos Mares - como são conhecidos no meio militar os Aspirantes da EN.

Hercules Guimarães Honorato

Mestre em Educação. Professor da Escola Naval. E-mail: hghhhma@gmail.com

Recebido em: 17/06/2015

Aprovado em: 17/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: